

CDD: 146.42

KANT E A FILOSOFIA ANALÍTICA

ZELJKO LOPARIĆ

*Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Caixa Postal 6133
13081 Campinas, S.P., Brasil*

Resumo: A filosofia analítica é uma análise da linguagem que utiliza a lógica formal e que, nesse sentido, só passa a existir após o trabalho de Frege. No entanto, já se encontra em Kant uma filosofia da linguagem, embora muitas vezes ele exprima noções lingüísticas por expressões mentalistas. Este artigo discute algumas de suas contribuições à filosofia da linguagem e mostra que problemas semânticos ocupam um lugar central na filosofia de Kant.

Palavras-chave: Kant, Immanuel; filosofia analítica; semântica kantiana.

1 FILOSOFIA ANALÍTICA NOS ANTIGOS E NOS MODERNOS

Certa vez perguntaram a T.S. Eliot o que era poesia. Ele respondeu: aquilo que está nas obras dos grandes poetas. É muito tentador oferecer uma semelhante caracterização da filosofia em geral e da filosofia analítica em particular. Não por preguiça de dar uma definição em termos gerais, mas porque a filosofia, assim como a poesia, só se entende internamente, ao adentrar o espaço que lhe é próprio. Esse espaço não é outro senão o das obras filosóficas exemplares. Cedendo a essa tentação, poderíamos dizer que a filosofia analítica está nos textos de pensadores modernos tais como Frege, Russell, Wittgenstein, Carnap, Quine, Strawson, Davidson e Dummett, entre outros.

Não se pode negar que essa explicação deixa muitas perguntas em aberto. Ela não diz nada, por exemplo, sobre o que une os filósofos analíticos. A resposta a essa questão é fácil e bem conhecida: o que os filósofos analíticos têm em comum é o fato de todos eles se dedicarem à análise da linguagem. No entendimento comum, a filosofia analítica é simplesmente a filosofia da linguagem. Entretanto, se deixássemos as coisas assim e não acrescentássemos nada mais, seríamos obrigados a admitir que a filosofia analítica é mais antiga do que se costuma pensar. Com efeito, o estudo da estrutura geral da nossa linguagem é uma atividade tão antiga quanto a própria filosofia e tem sido praticada com

excelência por filósofos tais como Platão, Aristóteles, Hume e Kant. Mas, se existe uma filosofia da linguagem entre os antigos, o que caracteriza a dos modernos? Antes de tudo, sem dúvida, o uso da lógica formal como instrumento de análise. A lógica formal no sentido atual foi elaborada por Frege. Por essa razão, a filosofia analítica dos modernos é comumente datada como sendo posterior à publicação dos principais escritos desse filósofo. Os estudos anteriores sobre a linguagem, não podendo contar com o auxílio da lógica formal, eram baseados seja em simples intuições lingüísticas de cada filósofo seja na lógica incipiente (i.e., na silogística de Aristóteles) e na gramática (mais ou menos filosófica). Mas, apesar dessa diferença técnica, podemos dizer que a filosofia da linguagem dos antigos e dos modernos compartilham um vasto estoque de problemas, métodos particulares e resultados tradicionalmente chamados de metafísica.

2 HAVERIA EM KANT UMA FILOSOFIA DA LINGUAGEM?

Essa visão da filosofia analítica não é aceita por todos. Muitos crêem que a filosofia da linguagem é uma invenção de Frege ou mesmo posterior a ele, representando um novo começo na história da filosofia. Nesse sentido, é freqüente ouvir dizer, por exemplo, que em Kant não há filosofia da linguagem. O argumento comumente apresentado é o seguinte: a crítica kantiana da razão especulativa se move no universo de representações internas enquanto a filosofia da linguagem trabalha no das palavras. Trata-se portanto de teorias filosóficas de natureza inteiramente distinta.

Esse argumento prova menos do que parece. Isso porque existe obviamente um paralelismo ou isomorfismo exato entre as conexões que ligam conceitos e as que ligam palavras quando usadas com fins cognitivos, isto é, para expressar os conceitos (cf. *Antropologia*, §39). Por isso, todos os resultados obtidos pela análise transcendental concernentes às propriedades formais ou sintáticas de conexões entre conceitos são traduzíveis em termos que descrevem conexões entre palavras (cf. *Prolegomenos*, §39). O mesmo, sem dúvida, vale também para as propriedades semânticas dos conceitos e as das palavras. Tudo o que Kant diz sobre a referência de conceitos pode ser aplicado, *mutatis mutandis*, a palavras que os expressam. Isso é tanto mais verdade que Kant na sua semântica usa noções lingüísticas e noções mentalistas de modo intercambiável. Assim, por exemplo, ele emprega a expressão “conceito determinado” como sinônima de “predicado determinado”. Isso porque um predicado será determinado exatamente quando o conceito que ele expressa também o for (ou seja, quando esse conceito for aplicável ao domínio de objetos que podem ser dados na nossa intuição empírica).

É interessante notar que uma análoga objeção também foi levantada contra

a tese (de Dummett e outros) de que Frege é um filósofo da linguagem. Essa objeção parte da observação de que a filosofia analítica da linguagem repousa sobre as seguintes afirmações quanto à relação entre a linguagem e o pensamento: a) a elucidação da linguagem não pressupõe a elucidação do pensamento; b) a elucidação da linguagem também possibilita a compreensão do pensamento; c) não há outra maneira de se oferecer uma elucidação do pensamento. Em outras palavras, para a filosofia analítica contemporânea a noção de linguagem é mais primitiva que a do pensamento. Ora, continua a objeção, em Frege, pelo contrário, a noção do pensamento é a mais fundamental. Logo, etc.. Esse argumento pode ser rebatido da mesma maneira como foi descartada a tese de que não há em Kant uma filosofia da linguagem, a saber, mostrando que em Frege a estrutura da linguagem e a estrutura do pensamento são isomorfas. Ademais, Frege estuda a estrutura dos pensamentos unicamente por meio do estudo da linguagem. Por tudo isso ele é, sem dúvida, um filósofo da linguagem.

3 CONTRIBUIÇÕES DE KANT PARA A FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Se é verdade que Kant foi um filósofo analítico, quais são então as suas contribuições para a filosofia da linguagem? Mencionarei aqui apenas algumas que ainda guardam todo seu interesse:

a) Kant praticou de um modo exemplar a análise do uso efetivo de conceitos e palavras. Dessa maneira, ele se opõe implicitamente a qualquer tentativa de aperfeiçoar a linguagem natural por meio de uma linguagem artificial. Metodologicamente, ele toma portanto uma posição diretamente oposta a de Frege, praticada posteriormente por Carnap, Quine e outros, anunciando os modos de proceder do último Wittgenstein e Davidson (entre outros), todos eles adversários das propostas ortopédicas na filosofia da linguagem.

b) Kant colocou no primeiro plano da filosofia do conhecimento os problemas semânticos, tais como o da referência, da verdade, da prova, etc. Com isso ele iniciou uma nova época na filosofia teórica, onde o lugar tradicional da ontologia passou a ser ocupado pela teoria do discurso significativo sobre objetos acessíveis a nós.

c) A semântica kantiana é decididamente intuicionista (construtivista), opondo-se explicitamente a todo platonismo. As discussões contemporâneas em torno do realismo na semântica e na filosofia da linguagem ainda podem muito bem ser formuladas por meio da distinção kantiana entre idealismo transcendental (semântico) e realismo transcendental (semântico).

d) Kant é o autor de certas formas novas de argumentação filosófica, entre as quais

se destacam os seus argumentos transcendentais. Longe de serem esquecidos, esses argumentos semânticos a priori são comumente utilizados por importantes filósofos analíticos, como, por exemplo, por Strawson e Davidson.

e) Kant distinguiu claramente entre a semântica dos conceitos teóricos e a dos conceitos práticos. Nesse sentido, ele é o fundador da teoria analítica dos imperativos e normas éticas, teoria que ainda hoje parece a vários filósofos (entre eles Rawls, Apel e Habermas) ser a mais promissora na área da filosofia prática.

Essas são algumas das contribuições de Kant para a filosofia, todas guardando sua atualidade e todas podendo, sem que para isso seja preciso fazer qualquer distorção, ser classificadas como pertencendo à filosofia analítica no sentido moderno.

Não querendo ficar nas meras generalidades, farei, para terminar, uma breve demonstração de que os problemas semânticos e, em particular, o problema da verdade, passaram a ocupar o lugar central na filosofia teórica em Kant.

4 ANALÍTICA TRANSCENDENTAL COMO SEMÂNTICA INTUICIONISTA

O problema principal de toda a lógica transcendental de Kant é o da possibilidade de juízos sintéticos em geral (*Crítica da Razão Pura*, B 193). O que Kant entende pela possibilidade de um juízo? Sem dúvida a possibilidade de chegarmos a conhecê-lo como verdadeiro. Assim, um juízo é possível, se:

- a) existirem condições possíveis em que ele é verdadeiro;
- b) for possível para nós conhecer essas condições.

Explicitaremos um pouco essa interpretação do conceito kantiano de possibilidade de um juízo. Kant distingue entre a elucidação nominal e a elucidação transcendental da verdade. A primeira consiste em dizer que um juízo é verdadeiro se corresponder ao seu objeto. A segunda entende a verdade como *realidade* objetiva de um juízo. Qual é a diferença? No primeiro caso, não importa saber se o objeto é dado a nós; no segundo, isso é essencial. Na terminologia de Kant, um juízo só é objetivamente real se ele se relacionar com um objeto que nos possa ser dado de alguma maneira. A única via pela qual um objeto nos pode ser dado é a via da intuição empírica. Por isso, Kant dirá que um juízo é objetivamente válido, isto é, verdadeiro no sentido da lógica transcendental, somente se ele disser respeito a um objeto (ou objetos) acessíveis a nós por meio da experiência. A verdade de um juízo no sentido transcendental é portanto sempre uma verdade empírica. Dito isso, entende-se facilmente a afirmação de Kant de que um juízo possível é sempre também um princípio verificável ou falsificável e assim decidível, seja pela intuição pura seja pela empírica (*ibid.*, B 452-3).

Como vemos, o problema central da lógica transcendental de Kant é o de encontrar as condições de verdade e de decidibilidade de proposições sintéticas no domínio de objetos empíricos. Por isso, Kant chama essa lógica de teoria do conteúdo dos juízos ou "lógica da verdade" (*ibid.*, B 87), em oposição à lógica formal que deixa todo conteúdo de lado e examina apenas a forma dos juízos. Em outras palavras, a lógica transcendental de Kant é uma semântica intuicionista a priori de proposições sintéticas em geral.

Sabemos da posição central que o conceito de verdade ocupa na filosofia analítica de hoje. Pelo exposto acima vê-se que já em Kant a problemática da verdade passou para o primeiro plano na filosofia teórica, um traço que distingue Kant de toda filosofia transcendental. Não é um exagero dizer que, já na sua obra, a ontologia que era o campo mais prestigiado pela filosofia tradicional, cedeu lugar à teoria do significado. Tudo indica, ademais, que essa situação é irreversível e que, desde Kant, a semântica necessariamente precede toda metafísica.

Kant não apenas introduziu uma nova ordem entre disciplinas filosóficas básicas, mas também continua sendo um divisor de águas nas discussões atuais sobre a natureza da verdade. Ao especificar o seu conceito de validade objetiva dos juízos, Kant exige que todo conceito que nele ocorra também seja objetivamente válido. Isto é, ele exige que todo conceito tenha significado empírico. Mais precisamente ainda, todo termo singular tem que designar uma substância e todo predicado um acidente objetivamente possíveis. É fácil se ver que, no que toca a relação entre teoria da verdade e teoria da referência, Frege e Dummett estão ao lado de Kant e que Davidson está no campo oposto. De modo semelhante a Kant, Frege e Dummett baseiam a verdade dos juízos (proposições) na pressuposição de que os nomes próprios e os termos gerais empregados tenham assegurados seus referentes sentidos, respectivamente. Davidson, por outro lado, define a verdade por meio de condições recursivas à *la* Tarski, podendo assim dispensar a exigência de que todos os termos singulares tenham referências asseguradas.

Com respeito à referência de termos singulares, Kant é mais exigente do que Frege. Dissemos que Frege postula que os nomes próprios tenham referentes. Ele não se preocupa, no entanto, em especificar os meios pelos quais esse postulado pode ser efetivamente satisfeito. Kant, pelo contrário, exige que os referentes possam ser identificados em princípio por procedimentos a nosso alcance. Por isso, ele admite como candidatos a referentes de termos singulares de juízos possíveis apenas objetos que podem ser dados na nossa intuição. Nisso Kant difere não só de Frege como também de todos os realistas semânticos (entre eles Davidson). Dummett, simpático ao intuicionismo, permanece no campo kantiano. Em resumo, Kant não somente instaura a tradição na qual a verdade (e decidibilidade) é o problema central da filosofia teórica, como também inaugura uma corrente

bem determinada na teoria da verdade, o intuicionismo.

Poder-se-ia argumentar que a razão pela qual Kant tanto insistiu sobre a existência empírica dos referentes dos conceitos foi sobretudo epistemológica ou até mesmo psicológica e não semântica. Essa leitura da lógica transcendental é de fato a mais comum e remonta aos neo-kantianos do fim do século passado. Mas ela não se sustenta perante uma análise mais apurada dos textos. Tal análise mostra que, segundo Kant, incorremos necessariamente em antinomias se não garantirmos os referentes e os sentidos dos nossos conceitos de maneira intuitiva. Por exemplo, se continuarmos presos à semântica realista do senso comum e da metafísica tradicional, somos necessariamente levados, diz Kant, a concluir que a disjunção “O mundo é finito ou o mundo é infinito” é analiticamente verdadeira e que os seus disjuntivos são ambos falsos, ou seja, que ela não é analiticamente verdadeira. Isto é, somos levados a nos contradizer. Segundo Kant, a única maneira de escapar a essa contradição é abandonar a semântica realista e aceitar a semântica idealista e intuicionista elaborada na lógica transcendental. Sem dúvida, não há nada melhor para entender a natureza da lógica kantiana do que o estudo das antinomias, estudo que, lamentavelmente, é raramente feito a sério pelos estudantes de Kant e, às vezes, mesmo pelos especialistas. Para conceder-lhe a prioridade aqui reivindicada é necessário que se concorde em ler a *Crítica da Razão Pura* de trás para frente. Concessão que exige ousadia, qualidade sem a qual não se pode progredir na filosofia.

Abstract: Analytic philosophy is an analysis of language that makes use of the tools of formal logic. In this sense, it only begins to exist after Frege's works. Notwithstanding this distinction one may find in Kant a philosophy of language, although he often uses mentalist descriptions for linguistic conceptions. This article presents some of Kant's contributions to the philosophy of language. It shows that semantic problems play a central role in Kant's philosophy.